

BETAR & ARTES & LETRAS

As Idades do Mar

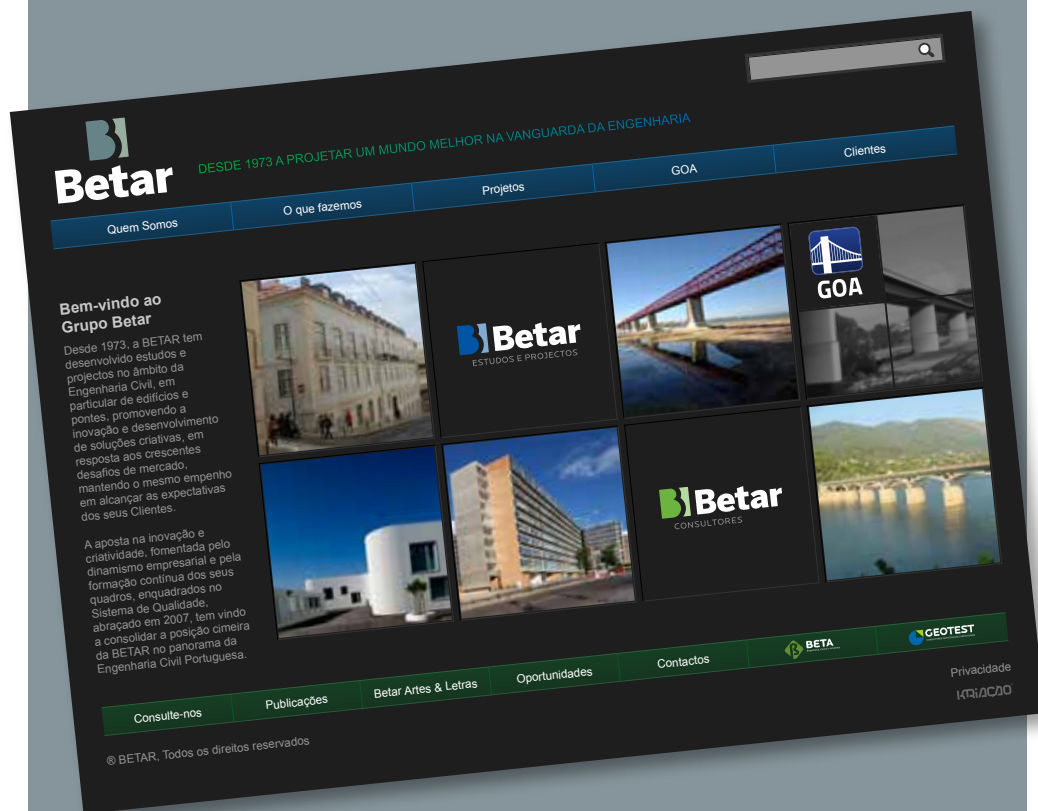
Na Gulbenkian, com pinturas de Lorrain, Turner, Courbet, Manet, Monet, Signac, Klee e Hopper

B
Betar

ENTREVISTA
ARO. ALBERTO
DE SOUZA OLIVEIRA

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Com a chegada do novo ano, chegam novas intenções, novas ideias, novas esperanças.

A Artes&Letras tentará inovar a cada mês, sempre com a promessa de uma seleção cuidada do que interessa ver e ouvir.

A edição de Janeiro está recheada de excelentes propostas culturais.

No Coliseu dos Recreios temos fado, com Ana Moura, e grandes êxitos da música de cinema, num concerto da Cinema Symphony Orchestra. Já na Culturgest, o Ciclo Hootenanny traz-nos blues e, na dança, Victor Hugo Pontes e João Paulo Serafim apresentam “Fuga sem Fim”.

Ao palco do Teatro Aberto sobe a peça “Há muitas razões para uma pessoa querer ser bonita”, encenada por João Lourenço, e no Maria Matos estará em cena “Os dias são connosco”, de Raquel Castro. No Teatro Nacional D. Maria II pode ver-se “M-Show”, com encenação de Marcantonio Del Carlo, e no São Luiz está “Chão de Água” de Maria João Luís.

Nas artes, podemos apreciar a exposição “As idades do mar”, na Gulbenkian, com pinturas de Lorrain, Turner, Courbet, Manet, Monet, Signac, Klee e Hopper e, na Galeria Zé dos Bois, “Tem calma o teu país está a desaparecer”. Na Influx Contemporary Art expõe-se a obra de Gonçalo MAR e no Museu da Cidade “Azul dos Ventos” de Arthur Bispo do Rosário.

Close, Closer é o tema da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2013. A 3ª edição inicia-se em Setembro mas já estão em marcha os concursos e bolsas. A Artes&Letras apresenta-lhe um resumo do programa.

A entrevista desta edição é com o arquiteto Alberto de Souza Oliveira.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘A arquitetura é arte... Penso que é uma alegria encontrarmos clientes que gostam de viver nos nossos espaços... e habitar lugares onde possam sonhar’

Palavras do arq. **Alberto de Souza Oliveira**.

Por Cátia Teixeira



Vila Utopia

© FERNANDO GUERRA



Lisbon Stone Block

© JOÃO MORGADO

A sua formação tem por referência o Atelier de Louis Kahn e a Universidade da Pensilvânia. Deve muito a essa experiência?

Devo a Louis Kahn ter adquirido uma atitude de pesquisa e teorização na prática da arquitetura. O valor do espaço, o interrogarmos sobre a essência de um projeto, de como construir. A vida é composta de mudança, e hoje a “materialidade” e a “estratégia” são valores inquestionáveis na formulação de uma proposta. Tenho contribuído para difundir a ideia de que um projeto encerra uma questão de “compacidade”, ou seja que ele contém o necessário e o essencial de uma expressão e que transformar o espaço é qualquer coisa de muito admirável.

O que tem a dizer sobre o Lisbon Stone Block?

Um edifício de gaveto na cidade é sempre um desafio para um arquiteto. É um “cunhal” na cidade... A ideia essencial do projeto parte de um conceito de “fachada mutante” constituí-

da por uma “pele de pedra”, que é formada por painéis móveis, com a capacidade de transformarem o edifício num “bloco de pedra”. Esta capacidade de reconversão do edifício aproxima-o da escultura. Direi que o edifício é uma “escultura habitada”. De dia, a luz penetra nos espaços e de noite ela deixa vários vazios de luz, e de não luz, que permitam múltiplas composições. Já pensei que o edifício é uma espécie de objeto em permanente mudança que se apresenta silenciosamente à cidade.

Também inovou com este projeto?

Penso que procurei inovar interiormente as habitações, ao propor uma mutação do espaço interior através de “painéis de ripado em madeira”, que adquirem diferentes posições, obtendo espacialidades variáveis na sala de estar e nos espaços distributivos, sem que isso afecte a coerência do espaço. Todas as habitações são lugares onde reconhecidamente não me importaria de viver, e isso também é um valor na minha maneira de projetar.

Venceu o concurso para a Reabilitação do Capitólio, no Parque Mayer. Foi um desafio diferente recriar um teatro?

O Capitólio levou-nos a questionar o que é reabilitar um edifício de teatro. Antes de mais, estamos perante a memória do espaço... e o valor de uso do edifício. Queremos que ele tenha um uso futuro, que tenha êxito como teatro. O Capitólio é uma “caixa mágica” que resolvemos ampliar nas suas “competências” como espaço de teatro. É um espaço mágico de múltiplas transformações, adaptando-se a inúmeros modelos cénicos. O edifício existia mas faltava-lhe poder assumir essas múltiplas valências de espaço. Foi muito difícil compatibilizar o carácter e as linhas contidas do seu modernismo com a instalação de uma maquinaria de cena, muito evoluída como tecnologia. Hoje em dia é possível que na boca de cena surja alguém que “aterra” no palco, controlado por computador, sincronizado por uma música inesquecível... Claro que o Capitólio é difícil quando queremos obter



silêncio num espaço formado por paredes de vidro, instalado num possível parque de diversões... mas isso é um problema que se resolve com os anos de experiência de uma equipa de projeto...

A reabilitação é um grande desafio na Baixa Pombalina?

Apetece-me, ao falar de reabilitação, pensar ao mesmo tempo em “intocabilidade”. Quando trabalhei na reabilitação de um edifício pombalino na Baixa Histórica de Lisboa, essa foi a grande questão. Conseguiremos manter a memória, e a “intocabilidade” de um património? Ao transformar, o que está em causa? A vida diz-nos que é muito difícil conciliar a contemporaneidade de uma proposta com os valores do passado. Mas é possível. Penso que a Baixa é um grande desafio. Como integrar os valores de uma arquitetura que tem uma atmosfera muito própria? As tábuas velhas, as paredes de azulejo, os vãos e as portadas de madeira, num incansável jogo compositivo? É possível deixar um valor contemporâneo na proposta e assumir os valores presentes nessas atmosferas de Lisboa? Abri a porta silenciosamente e naquele escritório tinha estado Fernando Pessoa.

Tem também feito novas habitações... A Vila Utopia é um conceito inovador de design e identidade. Como encarou a ideia de participar num projecto com mais 17 arquitetos?

A Vila Utopia foi um desafio lançado pelo Engº António Rodrigues e sugerido pelo arquiteto e amigo Manuel Aires Mateus. Tinha duas casas para projetar que hoje estão construídas. Sei hoje, depois de ter feito o projeto e construído as casas, que é um projeto único. O desafio era investigar “o espaço da casa” e

trazer para a arquitetura qualquer coisa que nos deixasse na memória. É possível construir a “memória” de um espaço habitável? Penso que sim. São duas casas, com a mesma filosofia de cheios e vazios... iguais e diferentes. As casas são um exercício de subtração do espaço deixando antever pequenos pátios interiores, permitindo a visualização de pequenos jardins, a partir de espaços de quartos. A casa é misteriosa e versátil. Um quarto pode ser uma sala. A nível térreo há uma multiplicidade de espaços e de pátios com acessos diferenciados. Foi uma aventura inesquecível e construí uma amizade com um cliente inacreditável, pela sua generosidade em questionar-se e procurar encontrar novos valores na arquitetura. Mostrei-lhe um dia que era possível “habitar um quarto que tem na sua frente um jardim virtual”.

Aquelas casas são arte?

Procurei que fossem casas que se constituíssem como uma expressão artística: uma memória inesquecível de um pátio de plantas coloridas, numa primavera que desponta. A arquitetura é arte... Penso que é uma alegria encontrarmos clientes que gostam de viver nos nossos espaços... e habitar lugares onde possam sonhar.

O que tem a dizer sobre a nomeação do Lisbon Stone Block para o prémio Mies Van der Rohe?

É uma nomeação que me honra, mas não mais do que isso.

Ano novo, livros novos. Desta vez a seleção dos livros passa pela temática da arquitetura. Conheça alguns dos mais recentes lançamentos neste âmbito



Portuguese Contemporary Architecture

UZINA BOOKS, 2012

A coleção 1 + 1 é uma iniciativa da Uzina Books que pretende divulgar junto do grande público, as referências atuais da arquitetura portuguesa e de outras áreas relacionadas como o design ou a ilustração. A coleção é composta por 12 livros cujos títulos são: Alberto de Souza Oliveira, Frederico Valsassina, Nuno Aço Lagartinho, Barbosa + Guimarães, João Tiago Aguiar, Souto de Moura, Luís Pedro Silva, Victor Mestre + Sofia Aleixo, Atelier Central, Carrilho da Graça, Atelier dos Remédios, Mais linha menos linha.

Escola Marquesa de Alorna + Escola Francisco de Arruda

UZINA BOOKS, 2012

O livro Escola Marquesa de Alorna + Escola Francisco de Arruda, da autoria do Arq.º José Neves, apresenta duas obras de requalificação e ampliação realizadas pelo arquiteto. A construção da Escola Marquesa de Alorna data de 1956. No projeto foram propostos três novos edifícios e a remodelação dos existentes. A Escola Francisco Arruda foi projetada originalmente pelo Arquiteto José Pedroso em 1956. O conjunto original foi restaurado e adaptado a necessidades novas, através das mínimas intervenções possíveis. Ambas as intervenções foram realizadas no âmbito do “Programa de Modernização das Escolas” promovido pela Parque Escolar.

Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso

CIRCO DE IDEIAS, 2012

Este livro procura reconstruir o discurso de Vítor Figueiredo, através de uma montagem realizada por Nuno Arenga com base em fragmentos provenientes de registos muito diversos. Compreendidos entre 1995 e 2003, estes fragmentos correspondem aos seus últimos anos de vida, período onde encontramos a sua notável trilogia de edifícios públicos escolares. Vítor Figueiredo pretendia que aquilo que dizia “não fosse entendido como um discurso persuasivo, mas como pistas que são lançadas; não como caminhos ou verdades, mas como vibrações que nos obrigam a pensar num determinado assunto”.

Este mês, a Artes&Letras divulga dois filmes baseados em duas grandes obras literárias. Se forem fiéis aos livros, serão certamente grandes peças cinematográficas. É ver para crer



A Vida de Pi

Durante toda a sua existência, o jovem Pi viveu na Índia, num jardim zoológico administrado pela família. Alimenta a sua curiosidade com tudo o que se relacione com hinduísmo, budismo e cristianismo, tendo a mesma fé nas três religiões. Até que a família decide

mudar-se com os animais para o Canadá e o navio em que viajam naufraga. Pi inicia então a maior aventura da sua vida,

à deriva num pequeno bote salva-vidas com uma hiena, uma zebra de perna partida, um orangotango e um tigre-de-bengala. Apenas Pi e o tigre sobrevivem à primeira semana. Depois, partilham o mesmo bote durante 227 longos dias no mar. Mas, ao mesmo tempo que Pi luta pela própria sobrevivência, a sua alma e a daquele animal vão tocar-se de tal maneira que ficarão marcas que nada, nem ninguém, poderá apagar. Baseado no romance de Yann Martel, vencedor de um Booker Prize e publicado em mais de 40 países.

Título original: Life of Pi
De: Ang Lee
Com: Suraj Sharma, Irrfan Khan, Adil Hussain, Gérard Depardieu
Drama, Aventura
EUA, 2012, 127 min



Pela Estrada Fora

Nova Iorque, 1974. Sal Paradise é um escritor cheio de sonhos. A sua existência, até aí tranquila, é abalada e totalmente redefinida pela chegada de Dean Moriarty, um sedutor de espírito livre cuja ânsia de vida é uma inspiração para todos os que com ele se cruzam. É então que os dois decidem partir na companhia de Marylou, a jovem mulher de Dean, numa longa

viagem pelas estradas do Texas e México, numa busca de liberdade e de si mesmos.

Estreado em Cannes em Maio de 2012, um “road-movie” realizado pelo brasileiro Walter Salles, que se inspirou na obra autobiográfica de Jack Kerouac, publicada em 1957. A obra, escrita em três semanas num rolo de papel de telex, foi rapidamente transformada num livro de culto, capaz de descrever um estilo de vida e de pensamento de uma geração que viria a nascer pouco mais tarde, conhecida pela “geração beat”.

Título original: On the Road
De: Walter Salles
Com: Garrett Hedlund, Sam Riley, Kristen Stewart
Drama, Aventura
FRA/EUA/BRA, 2012, 124 min

TEATRO

Nos palcos, a oferta de Janeiro é diversificada e de grande qualidade. Os temas são variados e os elencos recheados de bons atores. Saiba o que pode encontrar numa sala perto de si



Há muitas razões para uma pessoa querer ser bonita

“Há muitas razões para uma pessoa querer ser bonita” é o título da peça encenada por João Lourenço a partir do original *Reasons to be Pretty* de Neil LaBute. A história passa-se à volta de dois casais. Rui gosta de Xana tal como ela é, mas Xana gostava que ele a achasse bonita. Daniel não resiste a uma bela rapariga e Carla queixa-se de ser demasiado atraente. Será a aparência assim tão importante? Para se ter amor-próprio, conquistar o amor de alguém, obter sucesso, ser feliz? Numa roda-viva de encontros e desencontros, verdades e mentiras, discute-se o ser e o parecer e o que se procura nesta vida, porque há razões, muitas razões, para uma pessoa querer ser bonita. Uma peça sobre a importância e as consequências da aparência na sociedade atual.

Teatro Aberto

Até Março
Encenação João Lourenço
Interpretação Ana Guiomar, Jorge Corrula, Sara Prata e Tomás Alves



Os dias são connosco

“Os dias são connosco” é uma carta-vídeo de uma mãe para uma filha. Um retrato de uma mulher e do mundo que a rodeia filmado ao vivo para ser visto no futuro. “Não sei como o mundo será daqui a 30 anos nem como a minha filha reagirá àquilo que agora lhe digo, neste vídeo. Considerando os tempos difíceis que vivemos, as injustiças e problemas sociais a que assistimos e a mudança de paradigma que tanto desejamos ver, só posso esperar que ela sinta que consegui fazer as coisas de modo diferente”. Esta peça pretende transpor a intimidade da casa para o palco, lugar de ficção onde também há espaço para a vida real. Os espectadores são convidados a fazer parte desta partilha e construção de um documento que hoje é um presente para o futuro e no futuro será história.

Teatro Maria Matos

De 10 a 16 de Janeiro
Criação e interpretação Raquel Castro



M-Show

Sebastião é apresentador de um programa que é sintonizado por mais de um milhão de espectadores: o M-Show, um talk-show irreverente onde os convidados são enxovalhados sem piedade. Inesperadamente, apenas um foco de luz ilumina o rosto de Sebastião e ele sussurra para o público, confessando os seus pensamentos mais íntimos. Como se alguém tivesse feito uma pausa com o telecomando, percebe-se que Sebastião não é a figura bizarra que todos acreditavam ser. Chora por dentro de cada vez que humilha um convidado, mas sabe que é isso que se espera do seu desempenho, que não tenha medo de ser aquilo que nele se projeta: a nossa violência dissimulada! Sebastião é uma das tantas aberrações que habitam o imaginário mediático onde a ficção e a realidade se confundem demasiadas vezes...

Teatro Nacional D. Maria II

De 10 de Janeiro a 3 de Fevereiro
Texto e encenação Marcantonio Del Carlo
Interpretação Marcantonio Del Carlo e Marta Nunes



Chão de Água

“As Troianas” de Eurípides, este clássico da tragédia grega, serve de matriz ao paralelismo criado entre o desenraizamento provocado pela deslocalização compulsiva das populações dos seus territórios e a solidão revoltada das mulheres troianas quando a guerra lhes rouba os seus homens. João Monge pega neste dilacerante drama e transporta-o para os nossos dias. Em Chão de Água, a tragédia do povo de Tróia é entrelaçada com as vivências do povo alentejano no afogamento de territórios ancestrais. Esta é uma grande parábola sobre a vida e a morte, uma epopeia dedicada ao povo alentejano, mesclada com referências da vida contemporânea e com o intuito de potenciar uma visão crítica abrangente.

Teatro São Luiz

De 17 a 20 de Janeiro
Encenação Maria João Luís
Interpretação Catarina Guerreiro, Heitor Lourenço, Helena Montez, Maria João Luís, Patrícia André, Pedro Mendes, Susana Blazer, Rui Gorda

O ano inicia-se com boas propostas musicais. Do fado ao blues, passando pela música dos filmes de Hollywood e pela dança, várias são os espetáculos deste mês. Veja as nossas sugestões



Grandes êxitos da música de cinema

Dia 10 no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

ET, Titanic, Grease, A Bela e o Monstro, West Side Story, O Feiticeiro de Oz, Jurassic Park...e outras grandes bandas sonoras saem das salas de cinema para uma sala sinfónica e demonstram que têm vida própria à margem das imagens. A Cinema Symphony Orchestra apresenta um programa que entusiasmará todos os cinéfilos mas também aos amantes de música em geral, com as melodias imortais da história da sétima arte.



Ana Moura: Desfado

Dia 25 no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Para criar Desfado, o 5.º álbum original de Ana Moura, a fadista apostou em nomes da nova geração de compositores nacionais como Manuel Cruz dos Ornatos Violeta, Pedro da Silva Martins dos Deolinda, Miguel Araújo dos Azeitonas, Luísa Sobral e António Zambujo e em nomes consagrados da música portuguesa como Aldina Duarte, Tózé Brito, Manuela de Freitas e Pedro Abrunhosa para a criação dos temas.



Ciclo Hootenanny

De 26 de Janeiro a 1 de Fevereiro na Culturgest

CONCERTO

Os blues regressam aos auditórios da Culturgest. A 26 de Janeiro, aclama-se Ruthie Foster, artista de uma impressionante presença cénica e apoiada por vigorosas bandas. Dia 30, Axel Zwingenberger e Ecco Rijken Rapp apresentam o boogie woogie, um dos estilos da música de raiz africana com um mais curioso percurso. E a 1 de Fevereiro, os portugueses Soaked Lamb, cujo repertório inclui uma mistura de covers e originais.



Fuga sem Fim

Dias 11 e 12 na Culturgest

DANÇA

Victor Hugo Pontes e João Paulo Serafim elegeram para este trabalho a ideia de fuga porque a dança e a fotografia trabalham sobre a alternância de momentos de encontro e de fuga. O mote para a sua criação foi a perseguição que acontece no filme Blackmail, de Alfred Hitchcock. Este é um trabalho sobre a ideia de fuga, por um lado, enquanto ação/movimento em si; por outro, enquanto procura das origens do trabalho criativo.



Concertos e Óperas em janeiro

por António Cabral

Schubert, na Gulbenkian, começa uma “maratona” (que se prolongará ao longo do ano) de dois “monumentos” da história da música: a audição da totalidade das suas sonatas para piano e dos seus quartetos de cordas. Imperdível. E neste intróito não posso deixar de referir, ainda na Gulbenkian, a ópera “Emilie”, da grande compositora contemporânea Kaija Saariaho. Também imperdível.



Schubert

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

www.musica.gulbenkian.pt

A ópera “Emilie” (2010) da finlandesa Kaija Saariaho (1952) é a terceira ópera desta compositora. Depois de “L’Amour de Loin” (2000) (existe em DVD, comprem ou vejam) e “Adriana Mater” (2006), todas elas com libreto do conhecido escritor libanês Amin Maalouf (1949).

26/1 e 27/1 às 19 horas (Grande Auditório)

Sete sonatas de Schubert repartidas pelos dois dias. Intérprete: a pianista Elisabeth Leonskaja.

28/1 e 29/1 às 19 horas (Grande Auditório)

Seis quartetos de Schubert repartidas pelos dois dias. Intérprete: o Quarteto Casals.

31/1 às 21 horas (Grande Auditório)

Concerto com a Orquestra Gulbenkian, a conhecida soprano Karita Mattila e o maestro Paul McCreech (que será o próximo maestro titular da orquestra, substituindo Lawrence Foster). O Programa é interessante: uma obra da juventude de Luís de Freitas Branco, “A Morte de Manfred”, as inesquecíveis “Quatro

últimas Canções” de Ricardo Strauss (para mim a sua melhor obra) e a “Sinfonia nº 1” de Edward Elgar. Tudo se conjuga para ser um grande concerto.

Nota Final: Continua a transmissão da temporada de Ópera do MET de New-York: este mês teremos, às 17 horas do dia 5, “Les Troyens”, de Hector Berlioz e, às 18 horas do dia 19, “Maria Stuarda”, de Donizetti.

CENTRO CULTURAL DE BELEM

www.ccb.pt

19/1 às 21 horas e 20/1 às 16 horas (Grande Auditório)

“Il Trionfo D’Amore” de Francisco António de Almeida (1702/1755) pelos “Músicos do Tejo” (de que saiu na Naxos a gravação de “La Spinalba”, ópera do mesmo Autor). É um dever dos melómanos portugueses conhecer este compositor bolseiro em Itália no reinado de D. João V (era o tempo, não da Troika mas do ouro do Brasil).

Barcelona, Paris e Londres esperam por si. Se tiver oportunidade de ir até lá, guarde algum tempo para a cultura



Barcelona, Museu Nacional de Arte da Catalunha

Arte em revista

Até 24 de Fevereiro

A surpresa, a revelação ou a decepção são algumas das emoções sentidas pelos especialistas que embarcam no estudo de obras e técnicas de arte. Ao longo da sua história, o MNAC tem contribuído para o conhecimento das obras das suas coleções e os resultados foram, por vezes, frustrantes, muitas vezes curiosos, e ocasionalmente espetaculares. O público, no entanto, não teve a oportunidade de conhecer, em geral, os resultados desta pesquisa. Esta exposição tem como objetivo despertar a curiosidade e o interesse do espectador para a perícia complexa que se faz no museu.

Londres, Tate Modern

William Klein + Daido Moriyama

Até 20 de Janeiro

Explore a vida urbana moderna em Nova Iorque e Tóquio através das fotografias de William Klein e Daido Moriyama. Com trabalhos da década de 50 até os dias atuais, a exposição demonstra a afinidade visual entre os seus estilos e o seu desejo comum de transmitir a vida nas ruas e o protesto político, a partir de manifestações contra a guerra e marchas de orgulho gay, da globalização e da privação urbana. A exposição explora também o papel central da foto-livro em avant-garde e o uso pioneiro do design gráfico dentro destas publicações.



Paris, Centro Pompidou

Dalí

Até 25 de Março

O Centro Pompidou presta homenagem a uma das figuras mais complexas e magistrais da arte do século XX, Salvador Dalí. Muitas vezes criticado pela sua excentricidade e posições políticas, Dalí é um dos artistas mais controversos e populares. Esta é uma exposição sem precedentes onde, através das obras expostas, os visitantes podem apreciar alguns dos seus maiores ícones, como a pintura mais famosa do artista, A Persistência da Memória, mais comumente conhecida como Os relógios moles.

Começamos 2013 de maneira diferente: a Rafaela Guimarães, portuense de 21 anos, diz-nos como vê a sua cidade e o que podemos fazer... no Porto, claro!

Descobrir a cidade do Porto é, sem dúvida, uma aventura da qual jamais se esquecerá. As neblinas que persistentemente envolvem as manhãs, os vários roteiros definidos que lhe dão a oportunidade de conhecer e apaixonar-se pela sua cultura e pela sua história, pelas pessoas e pela sua espontaneidade.

Comece por tomar um pequeno-almoço na Rota do Chá, situada na rua Miguel Bombarda. A seguir, deixe-se levar por uma viagem de eléctrico pela Foz do Douro, percorrendo uma vista privilegiada sobre o Douro e saia na Avenida Brasil para um excelente almoço em frente ao mar no Restaurante da Praia da Luz. Pela tarde, deixe-se seduzir pela Ribeira. Faça o seu circuito e obtenha a melhor e mais completa vista sobre esta cidade. Para finalizar, à noite, não hesite em visitar umas das zonas mais badaladas da invicta: a baixa portuense está mais viva do que nunca e desperta o que de melhor há na cidade. Comece por jantar uma Francesinha na Regaleira e saia para divertir-se nas Galerias de Paris, onde pode encontrar vários bares a preços acessíveis e com boa música.

Entre várias alternativas, se preferir um ambiente mais calmo, poderá sempre ir até ao Cais de Gaia e optar por ouvir poesia no Bogani Café ou simplesmente disfrutar do conforto e sofisticação do mobiliário Stark. Em Matosinhos também terá uma ótima

opção se gostar de tomar uma bebida ao som de música Jazz, no bar B-Flat.

Para começar bem 2013, e já em Janeiro, o Porto reserva-lhe agradáveis surpresas. No dia 1 ainda poderá assistir ao Monumental Circo no Coliseu do Porto e até ao dia 8 o Circo Cardinali vai estar em exibição no Queimódromo. No dia 4, o Strauss Festival Orchestra também estará no Coliseu com a seleção das melhores valsas polcas e marchas de Strauss. Uma verdadeira atração para os amantes do tradicional encontro musical acompanhado por um bailado. Até ao dia 7 poderá ir até à Praça da Batalha e andar em patins numa Pista de Gelo. Os Billy Talent actuam no Hard Club no dia 18, para apresentar o novo álbum editado em Setembro, "Dead Silence". A banda é reconhecida pelos seus concertos imprevisíveis que atraem cada vez mais admiradores. Ainda na área da música, Ana Moura atua no Coliseu do Porto no dia 26. Até ao dia 22 estará na Galeria João Pedro Rodrigues a 3ª edição de Arte Móvel. No Teatro Sá da Bandeira poderá encontrar em exibição o Teatro de revista "Vira o Disco e Troika o mesmo" até ao dia 27.

No meio de tantas atividades recreativas e culturais, finalizo as minhas sugestões para este mês com a exposição Micro Safari no Centro Comercial Gran Plaza até ao dia 30 e a exposição coletiva de desenho, pintura, escultura, fotografia, joalharia, gravura e serigrafia na Galeria Porto Oriental até ao dia 31.



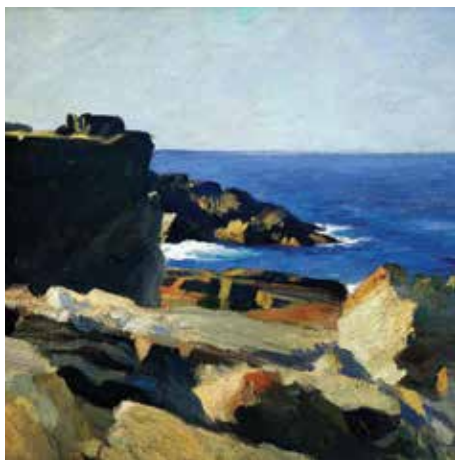
Este mês, selecionámos duas exposições coletivas e duas individuais. Todas elas muito bem conseguidas. Espreite as ofertas de Janeiro que a Artes&Letras lhe sugere

GULBENKIAN

As idades do mar

Até 27 de Janeiro

O mar é o tema central da exposição onde vão estar mais de uma centena de obras, dos séculos XVI ao XX, provenientes de 46 instituições nacionais e estrangeiras, com o apoio excepcional do Museu d'Orsay. Partindo de uma sondagem histórica da representação visual do mar, a mostra procura identificar os temas fundadores que levaram à sua extensa e recorrente representação na pintura ocidental. Van Goyen, Lorrain, Turner, Constable, Friedrich, Courbet, Boudin, Manet, Monet, Signac, Fattori, Sorolla, Klee, De Chirico, Hopper, são alguns dos 86 autores presentes na exposição com obras de superior qualidade. Também a pintura portuguesa, através de Henrique Pousão, Amadeo de Souza-Cardoso, João Vaz, Maria Helena Vieira da Silva e Menez, entre outros, contribuirá para esta abordagem de um motivo tão fascinante que tem especial significado na história e cultura portuguesas.



INFLUX CONTEMPORARY ART

“There is one in all of us” Gonçalo MAR

Até 26 de Janeiro

Centrada na construção de um imaginário próprio e peculiar, a obra de Gonçalo MAR mistura elementos do universo da banda desenhada e da animação com alguns elementos da cultura japonesa ou outros mais ligados aos códigos da streetart. Os personagens centrais multicoloridos são envoltos numa aura surreal, mostrados em situações que parecem saídas de um sonho, revestidos de um lirismo sem paralelo neste tipo de manifestação artística em Portugal. No entanto, a obra de Gonçalo MAR não se reduz apenas a graffiti ou à streetart. O nível de elaboração, a obsessão pelo desenho e a riqueza dos detalhes transferem-se também para as telas e para as instalações oníricas que cria e que incorporam madeira, cartão e outros materiais “reciclados”. Nas paredes de uma galeria de arte, estas constituem-se como a continuação e extensão do seu cosmos tão particular.

MUSEU DA CIDADE

“Azul dos Ventos” e “Afinal era uma Borboleta”

Até 03 e 10 de Fevereiro, respetivamente

Esta mostra apresenta cerca de 80 trabalhos do brasileiro Arthur Bispo do Rosário, autor que viveu e criou a sua obra isolado do meio artístico porque passou 50 anos internado num hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro. Integrada no Ano do Brasil em Portugal, “Azul dos Ventos” passou recentemente pelo Victoria and Albert Museum, em Londres. O visitante poderá ficar a conhecer o trabalho deste “outsider” que é admirado pela sua técnica e abordagem imaginativa aos materiais de uso quotidiano: lençóis encardidos, botões cariados, suspensórios de “doutores”. O artista até usava linha desfiada de “uniformes novos e usados de internos da Colônia Juliano Moreira”, o hospital onde vivia, para criar novas peças escultóricas.

No mesmo museu, o português João Queiroz apresenta novas pinturas de grande dimensão feitas propositadamente para o espaço do Pavilhão Branco.



GALERIA ZÉ DOS BOIS

Tem calma o teu país está a desaparecer

Até 26 de Janeiro

Para a comemoração dos seus 18 anos a Galeria Zé dos Bois apresenta uma exposição coletiva, chamando a si, por um lado, artistas com os quais partilha uma relação próxima de criação, produção e reflexão intelectual há mais de uma década, por outro, artistas emergentes com quem, nos últimos três anos, iniciou um diálogo de colaboração baseado em residências artísticas. A situação política, social e económica atual, onde o dinheiro e a ganância se sobrepõem aos interesses colectivos, cria uma oportunidade única para que cada indivíduo se reveja e reflita sobre a sua experiência do real. Uma mostra com a presença de Gabriel Abrantes, Tiago Baptista, Mattia Denisse, Alexandre Estrela, João Maria Gusmão & Pedro Paiva, Musa Paradisiaca (Eduardo Guerra e Miguel Ferrão), Filipe Felizardo, Carlos Gaspar, Sílvia Prudêncio, Gonçalo Pena, Alexandre Rendeiro e Rigo 23.



Close, Closer Trienal de Arquitectura de Lisboa 2013

A 3ª edição da Trienal de Arquitectura de Lisboa realiza-se de 12 de Setembro a 15 de Dezembro de 2013, mas a dinâmica programática e a exploração que a alimentam já estão em curso.

A Trienal de Arquitectura de Lisboa 2013 pretende envolver vários interlocutores num diálogo crítico sobre o futuro da arquitetura e do seu papel na construção – material, política, social e cultural – das nossas cidades e da vida urbana. Pretende enriquecer a Close, Closer com contributos originais oriundos de todos os quadrantes. Desafia, por isso, arquitetos, designers, urbanistas, sociólogos, artistas, educadores e todos os interessados a refletir e partilhar as suas ideias sobre uma prática espacial mais plural e inclusiva. Pede sobretudo que se concretizem diferentes visões durante a 3ª Trienal de Arquitectura de Lisboa.

Assim, sob o tema Close Closer, a Trienal de Arquitectura lança três concursos e um “Call for Ideas” para Projetos Associados que convidam à participação da comunidade criativa, estudantil e profissional, nacional e além fronteiras.

DESTAQUES

Programa de Bolsas Crisis Buster

Trata-se de um apoio a startups e projetos de cariz cívico para Lisboa com bolsas entre os €500 e os €2.500 para financiar propostas que respondam – social e espacialmente – à atual crise económica e seu impacto na cidade de Lisboa e seus habitantes. As candidaturas deverão ser submetidas através dos formulários disponíveis no site da Trienal até 18 Fevereiro 2013.

Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium BCP

Um prémio para talentos promissores de todo o espectro criativo. Estudantes de todo o mundo e de todas as disciplinas são convidados a propor uma intervenção programática para a sede da Trienal, no Palácio Sinel de Cordes, edifício do século XVIII. As candidaturas deverão ser submetidas através dos formulários disponíveis no site da Trienal até 18 Fevereiro 2013.

Convite à participação de Projetos Associados

Este é um desafio à apresentação de ideias para projetos com financiamento independente por parte de estúdios, curadores ou equipas colaborativas, que respondam às temáticas de Close, Closer. As candidaturas deverão ser submetidas através dos formulários disponíveis no site da Trienal até 6 Maio 2013.

Prémio Début Trienal de Lisboa Millennium BCP

Pela primeira vez, a Trienal vai atribuir um prémio no valor de €5.000 a um jovem arquiteto ou estúdio (até 35 anos), em reconhecimento do seu trabalho e como forma de encorajar a sua carreira. As candidaturas deverão ser submetidas através dos formulários disponíveis no site da Trienal até 21 Junho 2013.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. ALBERTO DE SOUZA OLIVEIRA
LISBON STONE BLOCK